



~ Iva Oliveira ~

A força da Fé

*30 celebridades revelam
histórias de superação nos
momentos mais difíceis da vida*

editora
Original

Copyright © 2008 Iva Oliveira

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico **Ana Miadaira**

Diagramação **Kiki Millan**

Preparação **Andréa Antonacci**

Revisão **Telma Baeza G. Dias**

Cristiane Goulart

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Oliveira, Iva

A força da fé

Iva Oliveira. 1ª ed. – São Paulo : Editora Original, 2007.

Celebridades – Vida religiosa. 2. Testemunho (Cristianismo).
3. Fé. I. Título.

07-2387

CDD 248.5

CDU 248.12

2008

Todos os direitos reservados à

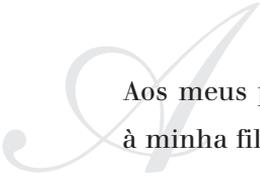
Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3065-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br



Aos meus pais, José e Maria Therezinha,
à minha filha Camila e a todas as pessoas
que enxergam a vida com olhos divinos.
Que, como Carlos Drummond de Andrade,
conseguem perceber a poesia do cotidiano.

Sumário

Adriane Galisteu	↻	11
Ana Maria Braga	✂	15
Ana Rosa	∞	19
Bibiana Paranhos	↻	22
Carlos Alberto de Nóbrega	✂	26
Cássia Kiss	∞	31
Cid Moreira	↻	35
Costanza Pascolato	✂	41
Daniel	∞	45
Eliana Guttmann	↻	49
Elizabeth Savala	✂	52
Eriberto Leão	∞	57
Frei Betto	↻	62
Heitor Werneck	✂	69
Henry Sobel	∞	73

Ivete Sangalo	✱	77
José Beniste	✪	80
Lolita Rodrigues	↷	84
Lucinha Araújo	✱	88
Maria Adelaide Amaral	✪	92
Maurício Mattar	↷	96
Nicette Bruno	✱	100
Padre Antonio Maria	✪	103
Paulo Silvino	↷	109
Regina Maria Dourado	✱	113
Reginaldo Faria	✪	117
Scheila Carvalho	↷	120
Tato	✱	123
Valéria Piassa Polizzi	✪	126
Zilda Arns	↷	131

Prefácio

A ligação entre ciência, medicina, práticas curativas e espiritualidade se perde na noite dos tempos na história da humanidade. Crenças e práticas religiosas, através da história documentada, têm sido associadas com saúde e práticas de cura. Todas as grandes civilizações humanas antigas: sumeriana, egípcia, hindu, chinesa, grega e romana lidaram com as doenças físicas em termos religiosos e espirituais. Existiam doenças tidas como sagradas, ou doenças dos deuses, como a epilepsia e mesmo muitas doenças físicas eram atribuídas a espíritos. Hipócrates, ao racionalizar os cuidados médicos e a prática da medicina, tira a causa das doenças do domínio do sobrenatural e tenta lhe dar explicações lógicas, baseadas na observação. Entretanto, mesmo com essa racionalização, o espiritual jamais foi banido como coadjuvante no tratamento das patologias. Por séculos, os estabelecimentos religiosos, ainda, regulariam e controlariam a ciência, a medicina, e os cuidados em saúde. Este controle foi tão completo durante a Idade Média que a Igreja era o órgão oficial responsável por emitir as licenças para médicos, e muitos praticantes naqueles dias, particularmente aqueles que serviam à população

comum, eram monges ou padres. Ordens religiosas foram também responsáveis por construir e estabelecer os primeiros hospitais há quase 1700 anos.

Entretanto, no início do século XX, Sigmund Freud, um médico vienense, eloqüentemente vai descrever as influências neuróticas e irracionais da religião na psique humana em seu livro intitulado *O futuro de uma ilusão* e em numerosas outras publicações. Freud, ao ter contato com poucos pacientes, que viviam a religião de uma maneira fanática, vai inferir dessa vivência uma percepção distorcida do impacto que a espiritualidade tem na saúde das pessoas e essa sua visão particular e enviesada, por sua vez, vai impregnar o ensino na área da saúde durante quase setenta anos. Se, por um lado, ele presta um favor à ciência ao mostrar que a religião vivenciada de uma maneira desequilibrada, qual seja, em oposição ou isolada do tratamento médico convencional, pode causar sérios distúrbios à saúde física e mental do ser humano, por outro lado, ele levará a uma cisão entre essas duas formas de curar.

Nos últimos vinte anos, entretanto, tem havido uma ressurgência do interesse em uma nova reaproximação entre estas tradições de cura, bem como a discussão sobre a maneira

com que a religião pode participar e contribuir na melhoria da saúde e na qualidade dos cuidados em saúde. O epidemiologista da Universidade John Hopkins, George Comstock, na década de 1980, publica no *Journal of Chronic Disease* que os fiéis que apresentavam uma alta frequência a serviços religiosos mostravam taxas de mortalidade menores. Desde então, milhares de trabalhos científicos vêm mostrando, na sua imensa maioria, uma associação positiva entre prática de religiosidade/espiritualidade e melhores indicadores de saúde. Vale a pena ressaltar que os resultados obtidos independem do status social, da idade, do sexo e da religião do paciente, como podemos, igualmente, constatar nos relatos aqui descritos. Uma outra questão interessante e validada pelos estudos e, também, visível nos depoimentos aqui apresentados, é que a maneira como expressamos e vivenciamos nossa fé ou crença nas questões referentes às coisas transcendentais e/ou divinas, não precisam se fazer na forma de uma religião institucionalizada e hierarquizada. As vivências de uma espiritualidade, em sentido mais amplo, desde que genuína e sincera, produzem, também, efeitos benéficos impactantes na saúde das pessoas.

A despeito dos dados epidemiológicos virem mostrando essa associação positiva entre a prática ou vivência de religiosi-

dade/espiritualidade, os mecanismos fisiológicos através dos quais a fé atua no corpo, no auxílio da cura, bem como na ajuda ao lidar com problemas físicos e/ou espirituais, permanecem obscuros e têm sido, só muito recentemente, objeto de interesse de pesquisa da medicina e disciplinas afins, sobretudo por meio da psiconeuroimunologia.

As narrativas contidas neste livro trazem ensinamentos muito ricos, pois descrevem uma miríade de maneiras como cada ser humano, dentro da sua perspectiva, desenvolvimento cognitivo e espiritual, e de crença, utiliza os recursos da espiritualidade para lidar com situações adversas encontradas no desenrolar das novas vidas. Dentre as maiores adversidades que podemos enfrentar está a problemática da morte, seja nossa ou a daqueles a quem muito amamos. A ciência, como proposta terapêutica, nada tem a nos oferecer no alívio de uma dor para a qual não existem pílulas: a dor da saudade e a dor do sofrimento espiritual. Diante dessas dores, a ciência se emudece e nada mais natural, portanto, que o homem busque alhures aquilo de que necessita para balsamizar suas dores.

Oxalá possamos, em um futuro não muito distante, entender de maneira científica como uma frase saída da boca de um homem religioso há mais de 2000 anos, sendo esse homem

tido por milhões como Deus, por outros tantos como Avatar, por outro grande contingente como um iluminado, e milhares como profeta, tenha a força de uma lei biológica: “Levanta-te e vai, a tua fé te curou”. Jesus

Prof. Dr. Franklin Santana Santos

Médico (Geriatra) pesquisador, com ênfase em Espiritualidade e Tanatologia, da Disciplina de Emergências Clínicas da FMUSP.

Adriane Galisteu

apresentadora de tevê

Agência O Globo/ Marcos Ramos



Adriane Galisteu enfrentou a morte do pai, do irmão e do namorado. Mergulhou por três vezes no luto e buscou forças para emergir acreditando cada vez mais na vida. Foi através das perdas que ela ganhou ainda mais fé. Uma fé que não tem religião específica, que às vezes pode se manifestar numa visita a uma igreja católica e outras num mantra budista. Uma crença que se sustenta na possibilidade de superar as dores, as ausências e a tristeza para reinventar a felicidade.

P“Passei por muitos momentos difíceis na vida, principalmente nos casos de morte de pessoas tão queridas como o Ayrton (Senna), meu pai (Alberto, que morreu aos 54 anos, de infarto), e meu irmão (Roberto, que faleceu aos 28 anos, portador do HIV). A gente está preparado para tudo na vida, menos para a morte. É uma dor muito profunda que não passa nunca. Eu enfrentei esses momentos primeiro vivendo o luto – que serve também para a perda de um amor – e sempre reverenciando essas pessoas. Quando dou um autógrafo, por exemplo, coloco sempre três estrelas, que significam justamente meu pai, meu irmão e o Ayrton. Eles são os três homens da minha vida e acredito que estão sempre me protegendo.

Acho que no caso de uma perda, você tem que sofrer tudo que precisa e ser humilde no sentido de reconhecer que precisa de ajuda. Aí vale tudo: terapia, família, amigos... Mas o importante é reconhecer a dor.

Minha família passou por muitas dificuldades financeiras na época em que meu pai ficou doente. E eu só tinha 15 anos. Ele tinha problemas com álcool e foi muito difícil pra gente. Mas enfrentamos tudo com muita dignidade.

Depois de tanto sofrimento e de tantas mortes, decidi que deveria fazer um pacto com a vida e aproveitar as oportunidades que me oferecessem. Porque as oportunidades aparecem para todas as pessoas, só que algumas ficam com medo. Eu me permito chorar, sofrer, porém tenho sempre um objetivo maior, que é ser feliz. Não abro mão disso: de ser feliz, custe o que custar.

Temos que administrar os mistérios da vida e reconhecer que somos muito pequenos, muito impotentes diante de uma força maior.

Minha relação com a religião é uma mistura muito grande porque fui batizada na Igreja Cristã Reformada, minha avó materna (Agnes Korcsög) era católica e me levava à missa todo domingo e passei minha infância na Igreja Metodista. Além disso, conversei muito com uma monja budista e tenho vários amuletos. Na cabeceira da minha cama há imagens de Santo Expedito e São Jorge, um guia espiritual que ganhei na primeira vez que fui ao Gantois (em Salvador, na Bahia) e um mantra budista.

Acho que o mais importante é você ter fé. Não há necessidade de seguir uma religião específica e, sim, conversar com Deus,

agradecer, acreditar na vida. Eu converso todos os dias com Ele e rezo também. Quando acordo, faço o sinal-da-cruz. Não costumo ir com frequência a igrejas, mas, quando viajo e vejo uma, entro para fazer minhas orações. Também gosto muito da Igreja São José, no bairro do Itaim, em São Paulo. Eu sempre peço tranqüilidade, paz, sabedoria e saúde, porque essas coisas não dependem da gente, não podemos controlar.

Acredito que temos uma missão na Terra e devemos viver com dignidade, sabedoria e procurando a felicidade. Sempre acreditei que vale tudo para ser feliz, desde que você não traia os seus princípios e não fira ninguém. E quando você acredita na vida, tem fé, tudo fica mais fácil.”



Se Deus é por nós, quem será contra nós.

Evangelho de Paulo 8:31

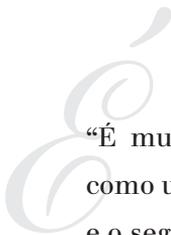
Ana Maria Braga

apresentadora de tevê

Agência O Globo



Ana Maria teve dois tumores malignos em um curto espaço de tempo. Sua personalidade batalhadora não permitiu que ela se entregasse ao desânimo. Os momentos de dor e de fraqueza existiram, mas a força e a fé foram maiores. A opção por tornar pública sua luta contra o câncer e dividir esses acontecimentos com seu público (os telespectadores do programa Mais você, da Rede Globo) trouxeram coragem extra e provocaram uma verdadeira corrente do bem. Além da cura, Ana Maria alcançou também o amor incondicional pela vida.



“É muito difícil falar sobre uma experiência tão dolorosa como um câncer (Ana teve dois: o primeiro, de pele, em 1991, e o segundo, na região anal, em 2001) porque ainda estou digerindo tudo que aconteceu. Nesses anos de convivência com a doença, aprendi que a gente tem que sobreviver a ela. Cada dia é um dia.

Tive um momento de revolta quando foi diagnosticado o meu segundo câncer, porém, hoje, penso diferente. Acho que é uma experiência que nunca termina e o mais importante é a lição de vida que você tira dos acontecimentos trágicos que acontecem na sua vida. Para mim, o câncer me deu a certeza da finitude e isso me fez passar a ver a vida com muito mais sensibilidade. Posso dizer que os meus dias ficaram melhores porque hoje é muito raro eu acordar e reclamar das coisas. Estou sempre disposta a superar os problemas que possam aparecer. Aprendi a me relacionar melhor com as pessoas e comigo mesma. Muitos problemas pequenos para os quais dava muita importância, hoje simplesmente passam batidos. Tudo o que passei me deu mais tranquilidade de alma.

Sei também que as mensagens positivas e as correntes de oração que fizeram para mim foram fundamentais para que eu pudesse enfrentar momentos tão difíceis. Recebi muita energia

da família, dos amigos e dos telespectadores. Essa fé transformou a minha vida, apesar de que Deus sempre teve um significado muito grande para mim, mesmo antes de ficar doente.

Eu nunca deixei de falar com Deus. Também rezava muito na época em que estudei em colégio de freiras (dos 9 aos 13 anos, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Franca, interior de São Paulo). Tinha até calos nos joelhos, pois era o dia inteiro rezando.

Desde aquela época, passei a ser devota de Nossa Senhora de Lourdes e sempre tive São Benedito na minha cozinha. Porém, de uns tempos para cá, como todo mundo sabe, Nossa Senhora de Fátima Peregrina se transformou em minha grande companheira. Não que eu tenha deixado de ser devota dos outros santos, mas Nossa Senhora de Fátima passou a ter um significado muito grande porque entreguei minha vida em suas mãos na época do meu segundo câncer. Foi quando ela começou a me visitar em casa. Estava muito carente e a chegada da santa foi uma bênção. Ela virou uma grande amiga. Toda noite, conversava com ela. Chorava a seus pés e encontrava forças para lutar contra a doença. Nossos diálogos eram tão intensos que ousou dizer que ela sorria para mim. Hoje, além de recebê-la com freqüência em casa, onde há um altar

reservado para ela, faço uma missa em sua homenagem anualmente (a Missa da Esperança), porque prometi que assim seria caso sobrevivesse. É a minha maneira de agradecer.

Considero-me atualmente uma pessoa espiritualizada, pois, além da crença nos meus santos, sigo princípios do budismo, acredito na vida após a morte e vou tirando um pouquinho de cada religião. Ganho imagens e medalhinhas de muitos santos Brasil afora e guardo-as comigo. O presente mais valioso dos últimos tempos foi um rosário que fizeram para mim na época da passagem do papa Bento XVI pelo Brasil. Fui uma das primeiras pessoas que o papa benzeu. O rosário está na minha sala, na Globo, como uma relíquia.”



*O coração dos que não desistem
não envelhece nunca.*

Colin Higgins, escritor americano

Ana Rosa

atriz

Agência O Globo



Como conviver com a morte de dois filhos? A atriz Ana Rosa passou por esta dura realidade em dois momentos da sua vida e teve duas maneiras distintas de encará-las. A perda do primeiro filho gerou revolta mas, quando a filha faleceu anos depois, a atriz amparou-se no espiritismo. A religião entrou na vida de Ana Rosa por acasos e coincidências, ganhou espaço e trouxe alento e força. Trouxe também a fé de que todo ser humano está na Terra para uma passagem, e que cada pessoa deve aproveitar esta permanência para aprender e crescer espiritualmente.

“Casei-me muito cedo, com 16 anos, e experimentei a dor da morte cerca de dois anos depois. Aos 18, perdi meu primeiro filho, Maurício, então com um aninho de idade, vítima de leucemia. Fiquei muito revoltada e materialista. Pensava: então a vida é isso? É para isso que estamos aqui? Eu me questionava e sofria muito...”

Foi aí que um grande amigo, o diretor Augusto César Vanucci (1954-1992) me presenteou com o livro *O evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec. O livro me acalmou, mas ainda não foi desta vez que comecei a seguir os passos da religião espírita.

Só que, como nada na vida acontece por acaso, em 1976 fiz a primeira versão da novela *A viagem*, na extinta TV Tupi e acabei conhecendo o médium Chico Xavier que, para mim, foi um grande homem. Logo depois, atuei em *O profeta*, na mesma emissora, e me tornei amiga de Carlos Augusto Strazzer (falecido em 1993), que era espírita. Carlos percebeu que a minha vida estava muito conturbada e recomendou que eu fosse ao Lar da Mãe Mariana, em São Paulo, que comecei a frequentar com meu marido.

Em 1995, passei por outra prova. Minha filha, Ana Luiza, então com 18 anos, foi atropelada na porta do colégio. É cla-